

# OPINIÃO

## EDITORIAL

# Impulsividade e os cem dias de Ricardo

Ao completar cem dias à frente da Prefeitura, o governo de Ricardo segue envolto em uma série de polêmicas e decisões apressadas, que geram um misto de expectativas e incertezas para o futuro da cidade. A gestão, até aqui, é caracterizada pela tentativa de acertos políticos e pela vontade de atender às demandas populares, mas também por um atabalhoamento que prejudica a imagem do prefeito e da administração como um todo.

Uma das principais polêmicas foi a nomeação e exoneração de aliados políticos, como Sérgio Zerbinao, Gláucia Berenice e Catherine D'Andrea, um movimento que gerou desgaste e incertezas dentro da base de apoio do governo. A troca de nomes importantes no início do mandato, sem uma explicação mais clara, expôs uma fragilidade política que não condiz com a expectativa que se tinha em relação à habilidade do prefeito em gerenciar as relações políticas. Essas mudanças, mais do que ajustes, reforçam a ideia de uma administração sem direção clara, navegando com dificuldades em seu primeiro momento.

Entretanto, o prefeito conseguiu reverter uma derrota importante nas negociações do reajuste aos servidores. Inicialmente, a negociação fracassou pela falta de entendimento político, mas a habilidade de Ricardo em contornar a situação, ainda que tardiamente, garantiu um resultado positivo. Esta vitória, apesar de atrasada, mostrou uma capacidade de adaptação e articulação política que pode se tornar um ponto de inflexão no governo.

No entanto, a aposta de Ricardo em uma comunicação mais popular, seguindo a linha de seu colega de Sorocaba, Manga, trouxe popularidade, mas também levanta questões sobre sua sustentabilidade e consequências a longo prazo. Embora o contato direto com a população tenha rendido frutos imediatos, o estilo de comunicação baseado em gestos e imagens pode se reve-

lar superficial. O caminho da popularidade fácil, embora eficiente para ganhar apoio momentâneo, pode ser um risco se não for equilibrado com decisões estruturais e consistentes.

Além disso, decisões intempestivas, como a tentativa de transformar a Guarda Municipal em Polícia Metropolitana, sem estudos técnicos prévios, causaram grande preocupação. A pressa em implementar mudanças de grande porte, sem um planejamento adequado, não só gera insegurança como também compromete a confiança da população.

A insistência em apontar um déficit público inexistente, trazendo o ex-prefeito Duarte Nogueira (PSDB) seguidamente ao debate, também soa como uma tentativa de justificar medidas de austeridade que ainda não se mostram necessárias ou viáveis. Esses erros de diagnóstico e a pressa em implementar soluções sem a devida análise técnica enfraquecem a imagem do prefeito e sua administração.

**Ao final desses primeiros cem dias, o governo de Ricardo transmite a imagem de um gestor voluntarioso, disposto a trabalhar pela cidade, mas também de alguém que ainda padece de atabalhoamento e falta de uma direção política clara. Algumas correções de rota são urgentes para que o governo consiga consolidar os avanços prometidos durante a campanha. Embora tenha demonstrado disposição para governar, pouco do que foi proposto foi concretizado até o momento, e é preciso que o prefeito reveja suas prioridades para que a confiança da população não se perca em meio a tantas incertezas.**

Neste cenário, o desafio dos próximos meses será transformar os aprendizados desses cem dias em ações mais estruturadas e consistentes. O tempo para acertos está se esgotando, e a cidade precisa de um governo mais sólido e menos impulsivo.

## NOVAS IDEIAS

# Sobre o criticismo liberal a Trump

JORGE ROQUE\*



Desde o anúncio do tarifaço por Trump, uma histeria tomou conta dos jornais ocidentais, sendo também reproduzida aqui. “Trump é burro”, já havia dito Hillary Clinton no The New York Times há duas semanas. É nessa linha, a da desqualificação, que tem se dado o debate sobre o aumento generalizado das tarifas de importação dos EUA.

Trump merece ser criticado, entre outros motivos, pelo seu respaldo ao genocídio palestino. Também pode ser criticado no que se refere às tarifas, mas a ridicularização, como na coluna de Celso Rocha de Barros na Folha do dia 06/04, que se apegou ao cálculo das tarifas para escarnecer de Trump, só serve para demonstrar o quanto a globalização neoliberal colonizou até mesmo o pensamento dos intelectuais ligados ao campo progressista.

Não vi um único artigo elogioso. E poucos procuraram entender a lógica do protecionismo trumpiano, notadamente no jornal chinês Global Times e no Russia Today. É como se tout se passait bien até a chegada de um louco à Casa Branca. Mas, na verdade, o liberalismo, que paradoxalmente ganhou força após a crise de 2008, tem arruinado a economia — com milhões de pessoas lançadas à pobreza e aumento brutal da desigualdade — e tem corroído por dentro o poderio norte-americano.

O fundamentalismo neoliberal em que se baseia quase toda a crítica não está acima, mas abaixo do objeto criticado. Certo ou errado, Trump forneceu a primeira resposta em décadas a essa questão.

Não se trata de uma novidade: em todo o século XIX, enquanto o mundo era tomado pelo liberalismo britânico, inclusive o Brasil, os EUA foram os campeões do protecionismo, que foi um dos principais responsáveis por tornar os EUA o país mais poderoso do mundo no século XX.

Igualmente, os EUA reagiram à crise de 1929 com a receita do protecionismo. E só foram liberais após a II Guerra Mundial, quando suas indústrias estavam tão à frente das demais países que não tinham competidores de fato. O cenário começou a mudar a partir de 1960, sendo que o desenvolvimento chinês das últimas décadas impôs um desafio estratégico à dominação norte-americana.

Com as tarifas, Trump pretende fortalecer o país por meio da reindustrialização: terá acesso ao mercado norte-americano — o maior do mundo — prioritariamente quem produzir nos EUA. O garantidor mundial do liberalismo agora diz: usaremos o Estado o quanto for necessário! Ou: preciso de mais indústrias e de menos finanças para ser forte! Compreende-se o pânico em Wall Street e dos produtores de commodities dos EUA. Compreende-se a oposição dos grandes jornais norte-americanos que, como os daqui, foram reduzidos a veículos do mercado financeiro.

Não creio que Trump terá sucesso nessa empreitada do Make America Great Again. Internamente, isso exigiria reformas que reduzissem radicalmente a desigualdade e um acentuado intervencionismo nos negócios, medidas muito distantes do ideário trumpista, como atesta o DOGE de Elon Musk.

As medidas internas irão, sem dúvida, enfraquecer as tomadas no front externo. Além do mais, alguns dos competidores, principalmente a China, estão fora do controle norte-americano. Mas a industrialização por meio do Estado e o enfraquecimento da financeirização econômica são medidas adequadas a qualquer país que queira se desenvolver.

Diante do progressismo hegemônico pelo neoliberalismo nos EUA (ainda bem que somente lá!), coube à extrema-direita a reação à crise de 2008. Ainda que o trumpismo represente mais uma antítese do que uma afirmação do democratismo popular do New Deal, deve-se admitir o seu papel na demolição da globalização neoliberal.

Naturalmente, o trumpismo não é exemplo para nada, mas demonstra que, se o campo progressista lutar contra o liberalismo, a extrema-direita irá fazê-lo, ainda que como farsa.

É também um lembrete da falência da globalização neoliberal e de que precisamos de um projeto nacional que rompa com o liberalismo em busca da reindustrialização através de uma via popular, assim espero.

\* Advogado e cientista social. Mestre em direito pela USP, e presidente do PT em Ribeirão

## OPINIÃO DO LEITOR

**Chega a ser vergonhosa a nomeação de pessoas como Zerbinao e Gláucia Berenice para a administração. A pergunta não é por que foram mandados embora, mas sim quem teve a coragem de contratar.**

José Elias Spaladore, Jardim Centenário.

Jornal Digital

Leia o QRCode e acesse a versão online do Jornal Ribeirão



Pontos de Distribuição

Veja onde você encontra a versão impressa do Jornal Ribeirão:

• Banca Tibiriça - R. Tibiriça, 600

• Banca do Denis - R. Otávio Gólfeto, 326

• Banca Saudade - Av. Saudade S/N

• Banca Paulista - Av. Independência, 1680

• Banca 2000 - Praça Coração De Maria S/N

• Banca Balleiro - R. Gen. Osório, 549 - Calçadão

• Banca Oracilda - Praça Jose Mortari S/N

• Banca Solange - Av. Pres. Vargas, 25 - Esq. Av. R. Nove De Julho

• Banca Camões - Praça Camões S/N

• Banca Oásis - R. Duque de Caxias, 800

• Banca Pinguim - R. Gen. Osório em frente a Choperia Pinguim - Calçadão

• Banca do Valdir - Av. Nove De Julho, 378 - Esq. R. Visconde de Inhaúma

• Banca 13 de Maio - Av. 13 De Maio, 575

• Banca Irajá - R. Dr. Isaac Teodoro de Lima, 588

• Banca Sete de Setembro - Praça

• Banca do Emerson - R. Campos Salles, 431

• Banca Ofício Center - Av. Portugal, 1760

• Banca do Amaral - R. Amador Bueno, 395

• Banca da Lucia - Av. Dom Pedro S/N

• Banca do Rogério - R. Maria Tereza Braga Centri, 425

• Banca do Peruano - R. Florêncio De Abreu S/N (Calçada Catedral)

• Banca da Japa - Av. Jerônimo Gonçalves, 493 (Próx Rodoviária)

JORNAL RIBEIRÃO

SKY COMUNICAÇÃO E EVENTOS LTDA  
CNPJ 12.884.377/0001-30

www.JORNALRIBEIRAO.COM.BR

REDAÇÃO:

Av. Eduardo Gomes de Souza, 766 - S/4  
City Ribeirão - Ribeirão Preto/SP  
CEP 14021-540

Editor-chefe: **Eduardo Schiavoni**  
Editor adjunto: **Beatriz Camargo**  
Editor de arte: **Daniel Torrieri**

Contato:

redacao@jornalribeirao.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR:  
(16) 99173-3980

Acesse pelo QRCode >



Departamento Comercial: **Emerson Cosmo**  
comercial@jornalribeirao.com.br

Material noticioso e fotográfico fornecido pelas agências de notícias Estado, Brasil, France-Press, Reuters, pela equipe de correspondentes e pelos colaboradores.

O Jornal Ribeirão não se responsabiliza por conceitos ou opiniões emitidos em colunas ou artigos assinados.